

FOLKCOMUNICAÇÃO NO RÁDIO: “O QUE SOBRAL TEM DE ‘MARROMENO’ A GENTE DIZ E AMOSTRA”³⁹⁰

Claudiene dos Santos COSTA³⁹¹

Bruna Franco Castelo Branco CARVALHO³⁹²

Maria Érica de Oliveira LIMA³⁹³

RESUMO: Investigamos o programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”, veiculado pela Tupinambá FM 100,1 em Sobral (CE). Há 24 anos ele é apresentado pelo humorista Tupinambá Marques, e tem conteúdo baseado nos lugares, hábitos e moradores daquela cidade, apresentando uma linguagem popular num meio massivo de comunicação. Com análise de conteúdo (Bardin, 2011) do quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, vemos como críticas àquele cenário local são reelaboradas em um discurso regional pautado no humor de uma “cearensidade” (Carvalho, 2003), componente da identidade do público ouvinte.

Palavras-chave: folkcomunicação; rádio; humor; Sobral.

1 INTRODUÇÃO

Desde o ano de 1997, as ondas do rádio garantem a diversão nas tardes de sábado, município situado a 230 km da capital Fortaleza. O programa “Sábado de todas as maneiras” é veiculado pela Rádio Tupinambá (FM 100,3), com produção e apresentação do sobralense Tupinambá Marques, conhecido como Babá. Ele tem 61 anos de idade e mora no bairro do Centro de Sobral, possui uma banca no Becco do Cotovelo, onde realiza gravação manual em objetos metálicos, como placas e alianças, e fez curso profissional de radialista.

Sobral, suas cenas e habitantes são o foco desse programa de rádio. Seu formato humorístico revela traços da cultura popular historicamente ligada ao Ceará e, ao tratar da cidade através de interpretações do humorista Babá, figura como um espaço da veiculação de uma linguagem regional, assim como “canais populares atuam como intermediários entre as elites e as massas, retransmitindo as mensagens, depois de reelaboradas (Benjamin apud Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 548).

Cerca de quinze quadros permanentes compõem o “Sábado de todas as maneiras”, narrados por personagens interpretados por Babá, como a travestida Fabíola ou o velho Bartolomeu. São “Dicas pra você, homem, não perder a mulher que você gosta dela”; “Dicas

³⁹⁰Trabalho apresentado no GT 3 – Folkcomunicação Midiática da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

³⁹¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC); mestre em Comunicação pela UFC; e-mail: claudienecosta@gmail.com

³⁹²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC); mestre em Comunicação pela UFC; e-mail: brunafranco19@gmail.com

³⁹³Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC); e-mail: merical@uol.com.br



redefolkcom



pra você, mulher, não perder o homem que você gosta dele”; “Piadas”; “Signos”; “Ôh bicho besta é gente!”; “Curiando a vida dos famosos e quase-famosos”; “O que Sobral tem de mais ou menos”; “Deputado Alfonsão” com seus comícios fictícios na casa de moradores reais; “Quem você joga no Rio Acaraú”, “É o novo!”; “Pastor Malaquias”; “Mostrou o lengo!”; “Me engana que eu gosto!”, “Agora, pronto!”, entre outros quadros temporários.

Observamos trechos³⁹⁴ de um de seus quadros, “O que Sobral tem de marromeno”, utilizando Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) para categorizar os temas que Babá leva ao público quando critica o que a cidade tem de ‘marromeno’, ou seja, o que precisa melhorar naquele cenário, apresentando veredictos em linguagem popular e diversional do humor cearense.

2 FOLKCOMUNICAÇÃO E AS DIMENSÕES REGIONAIS

A ideia de uma região pode abranger “uma base física de ambiente formado por condições climáticas, de vegetação, de solo, de animais, de água; e de base social, de formação de grupo humano, do processo de ocupação pelo homem” (Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 378), incluindo aí as relações sociais estabelecidas, com traços de cultura que distinguem ou caracterizam um grupo. No processo de ocupação humana, quando se entrelaçaram fatores do meio físico, fatores econômicos e fatores históricos, a sociedade em formação teve no elemento humano o fundamento das relações sociais, criando os valores culturais que vão marcar a paisagem, que no Brasil é bem vasta.

Uma região pode coincidir com um estado ou município, ou ir além, caracterizando ainda o espírito de criação do homem como manifestação de cultura popular. Luiz Beltrão aponta a região como “laboratório para o estudo da comunicação popular, salientando a importância desta num país imperado por elites políticas, intelectuais e religiosas” (Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 405). O autor expoente da Folkcomunicação aponta a dimensão regional como organizadora da comunidade e, sobretudo, a comunicação construída por ela e voltada pra ela, características próximas do que é compreendida como comunicação comunitária ou mesmo alternativa. Essa comunicação é considerada popular, ademais de ser produzida e mediada pelo povo, vislumbrado como classes subalternas, mas considerando

³⁹⁴O material fez parte da pesquisa de campo do ano de 2017 no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Fonte: COSTA, Claudiene S. **O humor da vida real: a cidade de Sobral (CE) no programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40482/7/2019_dis_cscosta.pdf Acesso em 27 de maio de 2021.

também regiões onde grupos marginalizados se apropriam de técnicas e meios tecnológicos para produção e disseminação dos seus próprios conteúdos.

As gerações mais velhas transmitem às gerações mais novas o seu acervo de experiências, símbolos, normas, mitos acumulados através da comunicação. Nessa marcha evolutiva, as descobertas e as inovações vão adaptando uma determinada cultura às condições e às exigências da sociedade. E a Comunicação desempenha papel fundamental no mecanismo de formação e evolução de uma cultura, representando o próprio motor da configuração do simbolismo que marca o fenômeno cultural, além de assegurar efetivamente a sobrevivência e a continuidade de uma cultura no tempo. Como ressaltou Luiz Beltrão, a região é um palco para a comunicação cultural, isto é, para o “processo humano de intercâmbio de ideias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais e de canais naturais e artificiais”, empregados para adquirir uma soma de conhecimentos e experiências necessária à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo (Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 409). Assim observamos a forma popular do programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” falar da cidade de Sobral.

Meu povo, vamos deixar dessas coisinhas miudinhas. Aqui, Sobral, é uma cidadezinha até... uma mocinha até grande. Vai fazer seus 243 anos agora dia 5 de julho. Pois é... essa semana agora, que vai começar. Meu povo, é um povo de mentalidadezinha pobre, atrofiada, coisinha de cidadezinha miudinha lá da baixa da égua. Que nem todas têm, e isso aqui tem. E aqui se diz assim: “Sobral, cidade universitária!”. Já pensou? Como se fosse todo mundo naquele nivelzinho de ... tá entendendo? Mas não é não. Tem muita gente que peca nesse setor aí, viu? (Risos) (...) Ave Maria! Menino, o povo faz questão de levar assuntinho ‘réi’. Que diabo é isso? Ôh povo miúdo. Meu povo, ‘vamo’ pensar ‘maiorzin’! Sobral inteira agora 243 anos nos ‘côro’. Uma cidade... já é uma mulher ‘véa’, Sobral, né? É! Uma mulher ‘véa’! (Risos) Assim... falta botar um batonzinho... falta botar uma maquiagemzinha legalzinha... assim, um brincozinho pra ficar bem polidazinha, bem coisadinha, viu? (Risos). Ôh, meu Pai. Aqui tem gente que é assim: quanto pior, ‘mió’. Torce pra que nada dê certo. Torce que tudo dê errado. Que diabo é isso? Menino, que carniça é essa? Meu povo, pelo amor de Deus! ‘Vamo’ pensar ‘miózin’. ‘Vamo’ atrair as coisas boas da vida, ‘pelamôrde’. ‘Pelamôrde’! ‘Pelamôrde Deus’! (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 1º de julho de 2017).

O tom cômico impera na abordagem dos temas do “Sábado de todas as maneiras”, utilizando características de Sobral para fazer rir, como seu clima quase invariavelmente quente, relevância econômica na região, apelidos e piadas baseadas em seus habitantes ou fatos recentes. As cenas, as pessoas e os lugares mostrados no programa ilustram imagens e paisagens, destacando a vivência daquele cotidiano citadino. O radialista completa fatos com anedotas fictícias, compilando ou resumindo suas apreensões daquele microcosmos, levando ao ar desde a festa na rua de pré-carnaval em fevereiro, períodos de chuva com crianças pulando

da ponte sobre o rio em marços, feriados do ano, festejos de São João, férias escolares numa cidade universitária, entre outros cenários regionais.

3 O NORDESTE COMO REGIÃO CULTURAL

No Brasil, as “regiões culturais” vão além das referências fixadas pelas divisões institucionalizadas dos limites geográficos. O Nordeste, por exemplo, vai do Litoral, de influência cultural lusitana, sociedade patriarcal e escravocrata, economias agrárias como a açucareira e cacaueira, ao Nordeste Mediterrâneo, onde a ocupação do território interior se baseou na pecuária, com sertanistas e vaqueiros em várias direções por onde segue o Rio São Francisco. “Das relações entre o homem e o meio, surgem atividades de extrativismo vegetal (carnaubais e babaquais), as do agreste (transição da agricultura para o pastoreio), a pequena agricultura de subsistência (elevações ou serras úmidas), além da própria criação (sertões)” (Diégues Júnior apud Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 382), e as condições climáticas das secas moldaram aspectos folclóricos e consequências sociais, econômicas e morais no desenvolvimento do Nordeste.

Assim como outros espaços, o Nordeste do Brasil esteve vinculado a representações ou narrativas produzidas ao longo de muitas décadas. Este espaço social e afetivo foi construído a partir de diferentes discursos que lhe atribuíram determinadas características físicas e que o investiram de inúmeros atributos, sejam morais, culturais, simbólicos, em diversas temporalidades e espacialidades. Na década de 1920, com a industrialização, a urbanização, a imigração em massa, o fim da escravidão, o Centro-Sul do Brasil, notadamente São Paulo, vai se tornando uma área bastante diferenciada do restante do país. Acrescenta-se a isso novas formas de sensibilidade artística e cultural trazidas pelo modernismo, com novos códigos de sociabilidade, novas concepções acerca da sociedade, da modernização e da modernidade.

Até a década de 1940, os jornais se enchem de notas de viagem a uma ou outra área do país, na intenção de conhecer o Brasil. Saltam aos olhos de que escreve e de quem lê os costumes “bizarros e simpáticos” do Norte ou “estrangeiros e arrivistas” do Sul. Já se tem aí os fundamentos de uma tradição, tomando o espaço de onde se fala como ponto de referência, o centro do país. Os “costumes” de São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife são tidos como nacionais, e de outras áreas como regionais, como estranhos, marcados com o rótulo do atraso, do arcaico, da imitação e da falta de raiz. “Esses relatos do estranhamento funcionam também no sentido de criar uma identidade para a região de quem fala, em oposição à área de que se fala” (Albuquerque Jr, 2011, p. 54-55).

Porém, entre movimentos de como se enxergar, as regiões se veem ameaçadas de dissolução na totalidade da nação, sentindo a necessidade de lançar mão de símbolos, tipos e fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de apagamento em um grande território-país. Descobrem-se região contra a nação. “A necessidade de reterritorialização leva a um exaustivo levantamento da natureza, bem como da história econômica e social da área, ao lado de todo um esforço de elaboração de uma memória social, cultural e artística que pudesse servir de base para sua instituição como região (Albuquerque Jr, 2011, p. 80).

Ao inventar as tradições tenta-se estabelecer um equilíbrio entre a nova ordem e a anterior. Já a manutenção de tradições é, na verdade, sua invenção para novos fins, a garantia da perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados diante do medo de não ter espaços em uma nova ordem, na qual poderia se perder a memória individual e coletiva. Opta-se, então, pelo discurso regionalista nordestino de miséria, ancorado no recurso à memória individual ou coletiva, em um discurso que assegura a sobrevivência de um passado que se vê condenado pela história.

A disputa por hegemonia no interior de um discurso histórico e sociológico leva a termos versões do Nordeste desenhadas por autores nortistas e sulistas de ficção, drama, romance e realismo, fantástico ou não. Nas tramas nordestinas da literatura de Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna e tantos outros, cenários, elementos e relações sociais mostram nuances de um diverso Nordeste, porém sempre apartado, seja pelo tempo, pobreza ou desenvolvimento.

Em um cenário de êxodo de população dos estados do Nordeste do país para o Sudeste de grande demanda de mão de obra, aspectos afetuosos de ligação com a terra são valorizados e manifestam-se também no consumo cultural. O rádio será pensado como um veículo produtor de uma integração nacional, diminuindo distâncias e diferenças entre regiões, e palco de divulgação desta cultura nacional.

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 343).

A região Nordeste, portanto, é uma invenção recente na história brasileira que não pode ser vista fora desta historicidade. Foi gestada no cruzamento de uma série de práticas regionalizantes, impulsionadas pelo dispositivo da nacionalidade, necessário após a

Independência. “Isto não significa dizer que a nação e a região não tenham existência “real”. Elas possuem uma positividade, elas se materializam em cada atitude, em cada comportamento, em cada discurso que fazemos em nome delas” (Albuquerque Jr, 2011, p. 345).

Em nível de Brasil, desde os anos 1980 o crescimento urbano adquiriu novas feições, como a migração de alguns tipos de atividade industrial e a ampliação de dois circuitos da economia urbana, tendo por base novas formas de acumulação e de consumo. Predominaram indústrias com uso do trabalho intensivo, e na região Nordeste, estas empresas las mantém ou aumentam suas taxas de lucros, recebendo incentivos fiscais, mão de obra barata e infraestrutura. “No primeiro momento, as transferências dessas empresas rumavam para as capitais dos estados e, mais recentemente, para as cidades mais expressivas do interior, denominadas cidades médias, propiciando também mudanças nos circuitos da economia urbana dessas cidades (Freitas; Holanda; Maria Júnior (orgs.), 2010, p. 261-262).

Isso contribuiu para formar o cenário onde a cidade de Sobral, tema do programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”, exerce destaque em sua microrregião, o norte do Ceará. Sobral é compreendida como cidade média, “capital regional”, em virtude do seu contingente populacional, mas também do seu grau de polarização, do seu comércio, dos seus serviços, ou seja, do papel que sua estrutura urbana exerce nos demais municípios integrantes da Região Norte do Ceará³⁹⁵.

Sobral tem a alcunha de Princesa do Norte. Geograficamente, limita suas fronteiras com 13 municípios, mas a influência da economia sobralense vai além de seus limites geográficos, o que teria justificado em 2016 a criação da Região Metropolitana de Sobral. Educação e saúde se configuram como os principais atrativos que intensificam as redes de relações entre Sobral e sua microrregião. Estas características, entre outras ligadas à cidade, são abordadas com criticidade por Babá, utilizando o humor para ser bem recepcionado pelo público.

4 A “CULTURA MOLEQUE CEARENSE”

A atenção aguda do humorista Tupinambá Marques na observação dos lugares, das pessoas e das situações em Sobral não dispensa que ele utilize suas próprias sugestões para

³⁹⁵Fazem limite, geograficamente, com Sobral os municípios de Miraima, Santana do Acaraú, Massapê, Meruoca, Alcântaras, Acaraú, Cariré, Groaíras, Forquilha, Santa Quitéria, Irauçuba, Coreaú e Mucambo. A Região Metropolitana de Sobral (RMS) foi criada por Lei Estadual (Lei complementar Nº 168, 27 de dezembro de 2016) e abrange, além dos municípios limítrofes, Frecheirinha, Graça, Moraújo, Pacujá, Pires Ferreira, Reriutaba, Senador Sá e Varjota. As informações são do artigo “O sonho da metrópole: a criação da Região Metropolitana de Sobral, CE”, de Samuel Tavares Pinheiro, Ana Letícia Freitas Lima e Maria Clélia Lustosa Costa – (UFRN, 2017). Disponível em: https://cchla.ufrn.br/rmnatal/evento_2017/anais/ST1/o_sonho_da_metropole.pdf. Acesso em 20 de maio 2021.



redefolkcom



completar as cenas, compilando ou resumindo suas apreensões daquele microcosmos. Os ouvintes expressam, por telefone ou em mensagens nas redes sociais de Babá, a vontade de participar do programa e, assim, são alçados a protagonistas das anedotas. Se não forem dadas muitas informações sobre a pessoa ou a história, completa-se a narração com situações recorrentes do cotidiano sobralense, quanto a ruas, costumes e estilos de vida que fazem rir pelo pitoresco ou por gerar identificação para com os ouvintes, como um quadro especial de fim-de-ano sobre o que esperar da cidade no novo ciclo anual.

“Muita gente roçando a barriga naquelas bancas do jogo do bicho. Jogando no bicho no Becco do Cotovelo! Pelos bairros da cidade... o pessoal querendo fazer uma fezinha pra ver se ganha uns trocados pra pagar as contas. (...) Olha, gente que se candidatou a vereador e tirou quatro gatos pingados de voto e vai querer se candidatar nas próximas eleições. (...) Deixa eu ver aqui. Eu ‘tô’ vendo aqui gente que não tirou voto pra vereador e quer se candidatar a deputado estadual. Já pensou? (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). Só no inferno mesmo! (...) Valha, meu Deus do céu, olha aqui: o povo aperriado e muita gente fumando uma quenga com o Temer. (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 30 de dezembro de 2017)

No que toca ao estado do Ceará, o que é chamado de “humor moleque” esteve e está estreitamente ligado com a noção de “popular”, um “humor do povo cearense” ou, em uma “ótica classista”, “o humor do povão”, do “populacho”, daquele emaranhado de gente posicionada nas bases da pirâmide social da sociedade cearense. A exata expressão “Ceará moleque” começa a aparecer em obras literárias no final do século XIX, sendo posta em circulação inicialmente entre os letrados, como uma opção que valoriza o popular e que tem ligação na história das artes e produção cultural do país com as correntes pré-modernistas e modernistas que enxergaram no “povão”, na população mais empobrecida, o cerne ou a essência da nação. O “humor moleque” vem identificando tanto as práticas não civilizadas do populacho como as ações curiosas e anedóticas da vida de intelectuais ilustres e cheios de molecagens – gente civilizada e moleque, ao mesmo tempo (Silva Neto, 2009).

O pesquisador cearense Gilmar de Carvalho (1949-2021) reuniu o pensamento de diversos escritores que citaram essa molecagem cearense como característica componente da identidade do povo. Yago Fernandes (1971, p. 219) referiu-se ao ‘exagero que faz parte do temperamento cearense’; Silvio Júlio (1968, p. 69) citou as armas da ‘ironia, recusa ao ridículo e autocritica impávida’ e mencionou alguém que ‘ri da desgraça e incorpora um espírito irônico na linguagem’. Raimundo Girão (1954, p. 112) chamou atenção para a ‘vadiagem que seria sinônimo de despreocupação’ (Carvalho, 2003, p. 47).

O mito fundador do estado do Ceará, o romance Iracema, de José de Alencar (1865), reforça a “cearensidade” como positiva, tendo como paradigma a “miscigenação romântica entre o

colonizador português católico e a população autóctone, e seu contraponto negativo, o negro” (Carvalho, 2003, p.13), apontando como se deu o povoamento do Ceará e excluindo o negro desse contexto. “A cearensidade apresentava-se então como uma palavra essencializada, porém fluida com o intuito de abranger o maior número possível de indivíduos. Resgatava em seu cerne o mito de iracemismo cearense, mito de obediência e adaptação” (Rocha; Silva, 2017, p. 4).

Porém, índios e negros compuseram a identidade cultural do Ceará e do seu povo, acrescida do processo de colonização, desenvolvimento estrutural, social e econômico com influências de franceses, espanhóis e portugueses, inclusive no que concerne à língua falada no estado. As dimensões territoriais do Brasil e sua pluralidade sociolinguística e cultural contribuíram para o desenvolvimento de falares diferentes. Este fenômeno de “variação linguística” gerou no Ceará uma linguagem baseada no cotidiano e no humor, chamada de “cearês” ou “cearensês”, enquanto outros estados do Brasil têm suas variantes correspondentes.

O português falado no Ceará tem características peculiares, expressões e palavras até então usadas e criadas nessa região. Sobre esses “termos”, há desde a segunda metade do século XIX registros de estudos de seleção e significação dessas palavras que fazem parte do vocabulário do cearense, considerado suas influências diversas, como mostram o “Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará”, de Paulino Nogueira (1887); os estudos de Florival Seraine (1950); “Terra de Sol”, publicada por Gustavo Barroso em 1912; entre outros³⁹⁶. “Algumas palavras utilizadas têm origem em episódios engraçados que fazem parte da história do estado” (Rocha; Silva, 2017, p. 5), porém deve-se atentar para os preconceitos linguísticos que podem estar arraigados na visão de um padrão linguístico-comportamental que “silencia aspectos sócio-históricos e ideológicos relevantes”, como evidenciou o professor do Departamento de Comunicação Social da UFC Nonato Lima (2003)³⁹⁷. Também utilizando esta “variante linguística”, os humoristas fizeram sucesso com a ideia de “cearensidade” atreladas à irreverência e ao humor, unindo-se às características de tenacidade, resistência à seca, coragem e perseverança do sertanejo.

5 “O QUE SOBRAL TEM DE MARROMENO A GENTE DIZ E AMOSTRA”

No quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, Babá critica fatos recentes e recorrentes de Sobral. Seus olhos e ouvidos atentos a ruas da cidade e conversas de moradores e/ou

³⁹⁶SARAIVA, Andréa. “Órelio Cearense: dicionário romanceado e ilustrado de termos e expressões do palavrado do Ceará”. Fortaleza: Premius, 2001; GADELHA, Marcus. “Dicionário de Cearês: termos e expressões populares do Ceará”. Fortaleza: Multigraf, 2000.

³⁹⁷“Dicionários do Ceará”. In: CARVALHO, Gilmar de (org). Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.



frequentadores daquele cenário de municipalidade permite apontamentos sobre o que não está bom, o que deve melhorar, o "marromeno" do título. O atributo da indiferença do humor, quando o mal provoca o riso e não o choro, é o que permite a crítica à cidade. "Lá se vem esse quadro, que fala as verdades de Sobral", diz a abertura do quadro.

O texto é narrado por Babá interpretando o personagem Bartolomeu, de voz rouca e estilo malandro e coloquial. "O que Sobral tem de 'marromeno' a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras!", diz a voz feminina que interage com o narrador. "Eita, que ele tá 'peidado' hoje! Tá fumando uma quenga", aprecia ela sobre Bartolomeu. Em pesquisa de campo abrangendo um ano de transcrição de edições de "O que Sobral tem de 'marromeno'", veiculadas originalmente no rádio em 2017, utilizamos análise de conteúdo (Bardin, 2011) para descrever o conteúdo das mensagens e apresentá-las em categorias temáticas, visto a repetição semiestruturada de assuntos. Os modelos de situação encontrados em 12 edições mensais do quadro referem-se a áreas que elencamos como mobilidade, Câmara Municipal de Sobral, serviços, o sobralense nas redes sociais, e ações da Prefeitura Municipal.

Mobilidade	(Arriégua, macho, marróia!). Pessoal, mas é impressionante como aqui tem gente que dirige moto olhando pra celular, com farol apagado à noite. Aí lasca, viu? Aí o carro bate, aí é o 'coitadin'. Faça isso não, rapaz! Tá doido ou come barro? Rapaz, como é que foi que já se viu uma arrumação dessas, o 'cabôco' dirigir moto à noite, com o farol apagado!? Bulindo no celular! Ora, mas 'num' 'tô' dizendo mesmo?! (Diabo é isso aí, rapaz?) (...) Meu 'fi', 'cê' é doido ou caga rodando? 'Cê' é doido ou chupa prego? 'Cê' é doido ou come barro? Ah, o carro pega... ah, 'bichin' vinha bem 'devagarin', o carro bateu. Olhando o celular... pra foto... Meu 'fi', te alui, rapaz! (Risos). Parece que é doido! Tá doido ou come barro? Rapaz, como é que foi que já se viu uma arrumação dessas, o 'cabôco' dirigir moto à noite, com o farol apagado!? Bulindo no celular! Ora, mas 'num' 'tô' dizendo mesmo?! (Diabo é isso aí, rapaz?) Ôh, nêgada, um bocado de gente mal informado saiu espalhando até em rádio dizendo que aquelas câmeras de vídeo-monitoramento era só pra multar. Que diziam que era pra multar pelas placas dos carros, pra saber se a documentação 'tava' atrasada. Ôh, nêgada, né assim não, rapaz! (Arriégua, macho, marróia!). Pelo amor de Deus! Aquilo ali (riso) é só pra quem inflige as leis de trânsito, rapaz! Passar no sinal encarnado, andar na contramão... Pessoal, não vamos passar má informação, não. Verdade tem que ser dita, né? Bora se inteirar bem 'direitin', tá legal? Viu? A gente tem que ser sincero com as coisas. Viu? O cara errado, tá errado, tem que pagar, né? Tem que andar bem coisadinho, né? Pois é. (Ôh, meu Deus. É mesmo). (Entra a personagem feminina) Meu povo! Um bocado de gente mal informada espalhando nas rádios... dizendo que aquelas câmeras de videomonitorate... nome bonito, né?... era só pra multar. É não, meu povo. (Risos) 'Vamo' se inteirar direitinho das coisas. (...) Falando em trânsito,
------------	--



	quando é que muitos motoqueiros vão ultrapassar um carro direitinho, hein? Menino, eles passam pela direita, entre um carro e a ponte, em tempo de se tacar no chão e a gente passar por 'riba' deles. Aí lasca! Tem condição não, 'zé doidin'. 'Doidin' do arroz! Meu povo, aqui tem motorista que não sabe o que é uma faixa de pedestre, não sabe o que é um sinal encarnado, nem amarelo... Só sabe o verde, e ele passa na tora. (Risos). Não tem um pinga de responsabilidade! Meu filho, esse tipo de gente sequer um dia passou na calçada duma autoescola. 'Duvi-d-odó' que tenha noção de alguma coisa. Tem nada! Aí dirige 'mó' paia. (...) Ai, meu povo, e o nosso trânsito? Muié, o que é que se faça, pelo amor de Deus, tá cada dia pior. Menino! É motoqueiro passando pela direita, e não o quê mais lá, e passa pra esquerda, e não sei o quê mais lá, e passa pela esquerda, rapaz... Menino, que diabo é isso? É carro que não respeita mão, contramão, não respeita sinal vermelho, nem encarnado nem roxo nem azul nem amarelo, empombado nem nada. Que diabo é isso, menino?! (Risos). Ai, meu Deus do céu. (Risos) Como é que pode? Não respeita preferencial... Tá desse jeito? (Risos) Ô, Sobral, cresce, cara! Eu gosto de ti, pôrra! (Risos).
Câmara Municipal de Sobral	É, nêgada, e continua vereador jogando pra plateia. O que é que foi dito aqui sábado passado? Que ele faz um alarde, né? Falta os 'fôlego', pede água, afrouxa a gravata, aquilo tudo é só pra fazer uma média, hein, pessoal? É o velho "teatro". E tem gente que se ilude... né, que é uma beleza. Mas, rapaz, ôh bicho besta é gente, né? Pessoal, acorda, pessoal! Isso é só conversa mole. É ladainha antiga! (Arriégua, macho, marróia!). Nêgada, tavam comentando na cidade, altura do Becco do Cotovelo, que teve vereador na cidade usando a tribuna pela primeira vez e sequer deu um "boa noite". Pra vocês verem aí como é o poder, o poder mudar as pessoas, né? Talvez esse tipo de gente pense que estar vereador é, assim, a última coisa do mundo, né, rapaz? Uma coisona de outro mundo, né? Calcule! Calcule! (Eu digo é valha!). Falando ainda em Câmara, quem quiser ver chapéu bonito, viu?, tá aqui os modelitos de última geração, viu, pessoal? Não tira nem pra ouvir o Hino Nacional. Pois é! (Ai, tô pasma!). (...) Pessoal, disse que na Câmara tem uns assuntos lá que a nêgada faz é dormir, ó? Já pensou? Cada assunto 'véi'. Nêgada, 'vamo' fazer nossa Câmara grande aí, rapaz! 'Vamo' trabalhar 'direitin'. (Isso é em Sobral, né? Tinha que ser aqui). Esse dormindo!... grava aí, pessoal com a cabeça embiocada lá... Pois é. Tem uns vídeos aí que mostra. (Arriégua, macho, marróia!).
Serviços	Pessoal, não é porque eu queira gabar não, viu, mas vocês já viram o tamanho da Agência daqui do Banco Itaú? Rapaz, aquilo... podemos chamar de tamanho dum ovo. Rapaz, uma total falta de respeito com os clientes. Com jovens, com adultos, com idosos. Aquilo não é Agência, não. Aquilo é um posto avançado. Sinceramente, rapaz. É uma miniatura de Agência de banco. Os funcionários também sofrem muito com aquilo ali. Tem culpa de nada não, viu? Aqui é por nossa conta mesmo! Cresce, banco Itaú! Te alui. Pensa grande, rapaz. Respeita o povo de Sobral, rapaz! Ora, mas 'num' tô dizendo 'mermo'! (Vamos crescer. Vamos pensar grande,



	meu povo!). (Entra a personagem feminina). Eita, que ele tá ‘peidado’ hoje! Tá fumando uma quenga. (Risos). (...) Pessoal, olha, aquela Agência do banco Itaú de Sobral é do tamanho ‘dum’ ovo de calango. É desse tamanhozinho. Menino, não pode nem peidar lá dentro. E olhe que a gente entra lá dentro é tanta gente! Menino, que diabo é aquilo? Olhe, os funcionários não têm culpa. Eles também não gostam mas não podem dizer nada, os ‘póbi’. Pessoal, aquilo ali é um suspiro de Agência, pelo amor de Deus. Vamos pensar grande, né, banco Itaú? Vocês têm tanto dinheiro. Lá no Sul, né?, as ‘capital’ são as agências bem grandonas, e aqui é aquela coisa espremida pra entrar na porta... Menino, que diabo é aquilo? Apertado... Se entrar um e abrir o suvaco lá... cai tudinho. Pessoal, aqui tem cada atendente no comércio que quebra qualquer padrão, viu? É um mau gosto quando vai atender, que o cliente vai ‘simbora’ na mesma hora. Sinceramente! É com má vontade, é com cara de bicho, e por aí vai... Sinceramente, ele atende o cliente sem um pinga de interesse. Aliás, tem uns deles aqui que dizem “rapaz, isso aqui é caro. Não dá pra ti, não”. Já pensou, rapaz?! Sem saber das condições do bolso do cliente... (É difícil, é difícil). O povo aqui tem essa mania feia. Magote. Vai pra baixa da égua! (Arriégua, macho, marróia!)
O sobralense nas redes sociais	Pessoal... nesse Facebook tem tanta gente revoltada. A gente mostra uma coisa, a pessoa vai e esculhamba, e não sei o quê. Por quê que não é assado, por quê que não é assim. Meu filho, pois se você quer postar suas porcarias, poste você mesmo, seu ‘fi’ duma égua. Pronto! (Risos). Nêgo, não vá se importar com as coisas alheias, não, viu?. Esse “face”, aliás, se torna um pinico, né? Todo mundo faz serviço dentro. Que diabo é isso? Nêgada, o pau que rolou aqui nessa semana (...) Isso é coisa de cidadezinha do interior do interior do interior da baixa da égua. (Eu digo é valha!) (...) Nós passamos aqui um ano aqui cobrando as melhorias pra ela. Não fizeram nada. Parece assim uma coisa de vingança, coisa de menino do buchão mesmo, né? (...) (...) Pessoal, Sobral, terra da picuinha, da fofquinha, da coisinha miúda, do disse-me-disse, terra muitas vezes de coisinha de cidadezinha provincianazinha. Até quando, Sobral, hein? Cresce, pôrra, pensa grande, rapaz! Sobral é muito maior do que essas fofocas aí do rádio, do que não sei o quê, por que o vereador saiu, por que o outro entrou... Por que não sei o quê, por que não sei o quê. Pensa, rapaz! (Acorda, Sobral). Diabo! Dá raiva na gente!

Observamos que o humor é não apenas um fim, mas um meio para se fazer inteligível aos ouvintes, em meio a reclamações sobre acontecimentos e atitudes de moradores e instituições municipais. Alivia a rispidez dos registros de insatisfação quanto a serviços, locais descuidados e tratamento inadequado de algumas pessoas. A ferocidade da crítica é atenuada por piadas, e a licença criativa por interpretar personagens permite acrescentar ficção a cenários e contos reais. “O que nos importa aqui, no entanto, é como as camadas populacionais se organizam para entenderem-se uma a outras e para expressar, publicamente, sua opinião. Este



redefolkcom



é, em última instância, o papel do estudioso de sistemas de comunicação popular” (Luyten apud Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 583).

Numa comunicação oral e popular, características do meio rádio e do humor, o público dispõe de narrativas, ainda que utilizando personagens fictícios como no caso das múltiplas interpretações de Babá, que apreciam criticamente a cidade, “desmistificando a ingenuidade e até a alienação muitas vezes atribuída, principalmente, aos idosos, sertanejos e pessoas de classes sociais mais baixas, evidenciando sua politização” (Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 584).

As expressões utilizadas por Babá denotam, em “cearês” ou “cearensês”, exclamação ou ênfase (Arriégua, macho, marróia!; “Eu digo é valha!”); palavras coloquialmente alteradas na oralidade (‘coitadin’; ‘cabôco’; ‘vamo’; ‘muié’; vai ‘simbora’; ‘bichin’ vinha bem ‘devagarin’; ‘doidin’ do arroz!;); variantes locais (‘encarnado’ no lugar de vermelho; ‘empombado’ indicando alterado; ‘te alui’ no sentido de “atenção!”; ‘bulindo’ no celular, significando mexendo); e frases que seriam menos inteligíveis fora da região Nordeste como “Meu ‘fi’, ‘cê’ é doido ou caga rodando?”; “passar por ‘riba’ (encima) deles. Aí lasca! (complica)”;

“com a cabeça embiocada” (metida); “coisa de menino do buchão mesmo, né?” (atitude infantil). Nessa manifestação popular, além de informar sobre atualidade, temos as funções (Marques de Melo e Fernandes (orgs.), 2013, p. 549) de orientação, entretenimento e recreativa, que encontram potencial desenvolvimento no rádio e no humor.

6 CONCLUSÕES

De maneira geral, o objetivo do programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” é fazer rir, mas a piada só cumpre o seu ciclo se o ouvinte compartilhar daquele repertório sobralense de lugares, pessoas, fatos e uma certa lógica que dirige o viver. O programa atua como vitrine da cidade, mostrando Sobral, e por vezes fazendo-a se encarar nos pontos positivos e negativos, a fim de abarcar festividades, elogios, reclamações e reivindicações. É uma oportunidade de analisar as manifestações populares no cotidiano da população, ouvir sobre a cidade, numa experiência de ver Sobral contada em “cearensês”, a cada tarde de sábado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.



redefolkcom



BELTRÃO, Luiz. “Comunicação popular e região no Brasil segundo Luiz Beltrão”. In: MELO. José Marques de. FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BENJAMIN, Roberto. “Folkcomunicação: os veículos de manifestações da cultura popular”. In: MELO. José Marques de. FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

CARVALHO, Gilmar de (org). **Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

COSTA, Claudiene S. **O humor da vida real: a cidade de Sobral (CE) no programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40482/7/2019_dis_cscosta.pdf Acesso em 27 de maio de 2021.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. “Regiões culturais para o estudo do folclore brasileiro”. In: MELO. José Marques de. FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral - Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000.

FREITAS, N. A. de; HOLANDA, Virgínia Célia C. De; MARIA JUNIOR, Martha (org.). **Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco**. 1. ed. Sobral: UECE/UVA, 2010.

LUYTEN, Joseph M. “Conteúdo da comunicação popular”. In: MELO. José Marques de. FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

PINHEIRO, Samuel Tavares; LIMA, Ana Leticia Freitas; COSTA, Maria Clélia Lustosa. “O sonho da metrópole: a criação da Região Metropolitana de Sobral, CE. **Encontro Nacional do Observatório das Metrôpoles**. Anais eletrônicos (...). Natal, 2017.

ROCHA, Henrique Pereira; SILVA, Francisco Thiago Barbosa da. A caracterização do linguajar cearense nas publicações do personagem “Suricate Seboso” no Facebook. In: **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: INTERCOM, 2017.

SANTOS, R. E.; ROSSETTI, R. (org.) **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA NETO, Francisco Secundo. **O "Ceará moleque" dá um show: da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor de Madame Mastrogilda**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE.

_____. **A gênese da “cultura moleque cearense”: análise sociológica da interpretação e produção culturais**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE.